

A falsa segurança espiritual [Pt 1]

Hebreus 6.4-8 (NAA)

⁴É impossível, pois, que aqueles que uma vez foram iluminados, provaram o dom celestial, se tornaram participantes do Espírito Santo, ⁵provaram a boa palavra de Deus e os poderes do mundo vindouro ⁶e caíram, sim, é impossível outra vez renová-los para arrependimento, visto que, de novo, estão crucificando para si mesmos o Filho de Deus e expondo-o à zombaria. ⁷Porque a terra que absorve a chuva que frequentemente cai sobre ela e produz plantas úteis para aqueles que a cultivam recebe bênção da parte de Deus; ⁸mas, se produz espinhos e ervas daninhas, é rejeitada e está perto da maldição; e o seu fim é ser queimada.

Ser SériO, Mas Não Triste

Existe uma grande diferença entre ser sério e ser triste, como bem observou John Piper. O oposto de triste é feliz. O oposto de sério, por sua vez, é leviano ou brincalhão. Portanto, é perfeitamente possível ser sério e feliz ao mesmo tempo. C. S. Lewis capturou isso ao escrever: “Existe um tipo de felicidade e admiração que nos torna sérios” (*A Última Batalha*, Capítulo 15).

Todos sabem a diferença entre o que um comediante nos faz sentir e o que um amigo que dá a vida por nós nos faz sentir. O comediante arranca risos sem necessariamente produzir verdadeira alegria. O amigo gera uma felicidade profunda e inabalável, acompanhada de seriedade pela vida.

A maioria de vocês também conhece a diferença prática entre passar um dia no Parque Mutirama e um dia na Chapada dos Veadeiros. O parque de diversões oferece agitação e entretenimento passageiro. É uma distração que não exige muito de nós. A Chapada, com a sua grandeza, impõe reverência. Ela enche os olhos de admiração e gera uma alegria que aquieta a mente. Diante da magnitude da criação de Deus, a resposta natural não é a leviandade ruidosa, mas a contemplação respeitosa.

Esse é o efeito exato que o livro de Hebreus busca produzir em nós. Trata-se de um texto sóbrio que elimina as abordagens banais e triviais em relação à vida cristã. Ao apresentar o duro alerta de Hebreus 6 contra a falsa segurança espiritual, o autor não tem a intenção de nos paralisar com tristeza ou desespero. Ele retira o entretenimento superficial da nossa postura para nos colocar diante da gravidade da cruz, tornando a nossa alegria em Cristo séria, madura e resistente.

Observe:

Hebreus 10.34 (NAA) Porque vocês não apenas se compadeeceram dos encarcerados, mas também aceitaram com **alegria** a espoliação [ou: roubo] dos seus bens, porque sabiam que tinham um patrimônio superior e durável.

Hebreus 12.1b-2 (NAA) corramos com perseverança a carreira que nos está proposta, ²olhando firmemente para o Autor e Consumador da fé, Jesus, o qual, em troca da **alegria** que lhe estava proposta, suportou a cruz, sem se importar com a vergonha, e agora está sentado à direita do trono de Deus.

Hebreus 13.17 (NAA) Obedeçam aos seus líderes e sejam submissos a eles, pois zelam pela alma de vocês, como quem deve prestar contas. Que eles possam fazer isto com **alegria** e não gemendo; [...]

Esse autor, portanto, é sim pela nossa alegria. Alegria sólida. Alegria séria. Alegria em Cristo. A alegria que nos faz perder o medo de morrer para dar a vida em resgate de muitos — exatamente como fez o nosso Salvador, o Senhor Jesus Cristo.

Um Tipo de Felicidade que Matará Você

Aqui está uma grande lição para discipuladores e conselheiros bíblicos, uma grande lição para quem se propõe a ajudar outras pessoas: uma das maneiras pelas quais o livro de Hebreus promove a nossa alegria é por meio de alertas sobre a falsa segurança. Existe um tipo de felicidade que matará você. O livro de Hebreus é implacavelmente amoroso ao expor essa felicidade perigosa e ao nos advertir a fugir de seus enganos para buscar a felicidade sólida que nunca nos abandonará.

Em outras palavras, Hebreus foi escrito para aprofundar e fortalecer a alegria da nossa convicção em Deus, e uma das estratégias do livro é expor falsas seguranças e prazeres passageiros.

É isso que lemos em **Hebreus 6.4-8**. Essa passagem afirma que existe uma condição espiritual que torna o arrependimento e a salvação impossíveis. Ela diz que essa condição pode, de muitas formas, parecer-se com a salvação, mas não é; e que conduz à destruição. Portanto, este texto é um alerta para não presumirmos que estamos seguros quando nossas vidas apresentam algumas experiências religiosas, mas nenhum fruto crescente. O motivo de nos mostrar essa situação grave é para que fuçamos dela e avancemos para um terreno sólido e uma alegria duradoura.

Observe o fluxo de pensamento desse autor. **Hebreus 6.1** diz (NAA): “Avancemos para o que é perfeito [ou: Prossigamos para a maturidade]”. O **versículo 3** diz: “Isso faremos, se Deus o permitir.” Em outras palavras, ter a graça para superar nosso orgulho natural, rebeldia e incredulidade dependerá, em última análise, de Deus.

Agora, os **versículos 4 a 8** ilustram essa total dependência de Deus ao mostrar que existe uma situação em que o arrependimento e o prosseguir para a maturidade são impossíveis. Visto que é impossível, devemos estremecer diante da perspectiva de estar nessa

situação e perceber o quanto somos inteiramente dependentes do Deus soberano mencionado no versículo 3.

Quando o Arrependimento é Impossível

Qual é esta situação em que o arrependimento é impossível? Ela é descrita da seguinte forma:

Hebreus 6.4-6 (NAA)

⁴É impossível, pois, que aqueles que uma vez foram iluminados, provaram o dom celestial, se tornaram participantes do Espírito Santo, ⁵provaram a boa palavra de Deus e os poderes do mundo vindouro ⁶e caíram, sim, é impossível outra vez renová-los para arrependimento, visto que, de novo, estão crucificando para si mesmos o Filho de Deus e expondo-o à zombaria.

A situação é esta: **Primeiro**, alguém recebe grandes bênçãos e passa por elevadas experiências religiosas (vs. 4 e 5). **Segundo**, essa mesma pessoa cai e, ao fazê-lo, estão, de novo, crucificando o Filho de Deus e o expondo à vergonha pública (v. 6). **Terceiro**, é impossível renovar essa pessoa para o arrependimento (v. 6a).

Analisemos estas três partes da situação.

1. Há bênçãos e experiências religiosas (v. 4-5)

Ao analisarmos essas bênçãos e experiências religiosas, precisamos olhar para o pano de fundo que o autor de Hebreus está utilizando. A linguagem aqui não é acidental. Ela aponta diretamente para a geração do Êxodo, o povo de Israel no deserto — e além. O autor traça um paralelo assustador: aquela geração vivenciou os maiores milagres possíveis, teve as experiências espirituais mais elevadas, e, ainda assim, pereceu no deserto por incredulidade.

Vejamos como isso se aplica passo a passo:

Primeiro, eles foram “iluminados” (v. 4). O termo grego remete à orientação de Deus ao povo por meio da coluna de fogo (Êx 13.21; Ne 9.12). A **luz** divina brilhou sobre eles, dissipando as trevas

e mostrando a direção. Na igreja, isso representa a mente iluminada, ou: esclarecida, pela verdade de Cristo — o qual é “a verdadeira luz, que, vinda ao mundo, ilumina toda a humanidade.” (Jo 1.9, NAA). A pessoa compreende a doutrina, enxerga a veracidade do evangelho e recebe a instrução correta. Ela enxerga a luz, mas o seu coração não foi regenerado (cf. Hb 10.26-30).

Segundo, eles “provaram o dom celestial” (v. 4). O maná que Deus proveu no deserto era literalmente o alimento do céu (Êx 16.4; Sl 105.40). Todo o povo comeu dessa provisão divina. Da mesma forma, pessoas sentam-se nos cultos hoje e provam dos benefícios da comunidade da aliança. Elas participam da comunhão, usufruem do cuidado pastoral, participam das ordenanças e experimentam o conforto do ambiente cristão. Elas degustam a dádiva celestial, mas essa experiência não altera a natureza morta de suas almas.

Terceiro, “tornaram-se participantes do Espírito Santo” (v. 4). Isso não descreve a habitação interna do Espírito que sela o crente para a salvação (Ef 1.13; 4.30), mas uma operação externa e comum. A própria Escritura fornece os exemplos. Balaão participou do Espírito Santo a ponto de profetizar a verdade de Deus de forma inerrante (Nm 24.2), mas permaneceu no erro, amando “o prêmio da injustiça” (2Pe 2.15; Jd 11) e terminando condenado e morto por sua iniquidade (Nm 31.8; Js 13.22). O rei Saul é outro exemplo: foi tomado pelo Espírito para governar e profetizar (1Sm 10.6; 11.6), mas morreu rejeitado e amaldiçoado (1Cr 10.13-14). Portanto, é perfeitamente possível atuar na congregação, exercer dons, operar ministérios e milagres (Mt 7.22-23), e ser influenciado pelo Espírito Santo (Hb 6.4), sem jamais possuir a graça salvadora.

Quarto, “provaram a boa palavra de Deus e os poderes do mundo vindouro” (v. 5). O verbo “provar” aqui indica que eles, de fato, experimentaram essas realidades. A “boa palavra de Deus” parece ser uma referência direta à boa nova, o evangelho que foi pre-

gado à própria geração do deserto (cf. Hb 4.2 e 6). O relato histórico evidencia que, apesar de ouvirem e receberem a pregação dessa promessa divina, eles falharam em obedecer (Js 21.45; 23.15).

Juntamente com a pregação, eles experimentaram “os poderes do mundo vindouro”. Na época do êxodo, a palavra e o poder sobrenatural de Deus operaram combinados de maneira formidável para libertar o povo de Israel das mãos dos egípcios (Êx 3.18-20; 4.28-30; Nm 9.10-17). Esse exato padrão se repetiu nos dias dos apóstolos, pois a mensagem da salvação chegou até a igreja primitiva atestada por palavras e milagres visíveis (Hb 2.1-4).

Essa advertência é chocante, pois reside no fato de que uma pessoa pode sentar-se sob a pregação fiel do evangelho e presenciar o poder libertador de Deus operando grandes obras e milagres ao seu redor, e ainda assim ter o mesmo fim da geração do deserto: perecer na desobediência. A exposição à palavra e ao poder divino, por si só, não garante a salvação.

A conclusão do autor expõe a falsa segurança. Um indivíduo pode ter clareza doutrinária (iluminado), desfrutar do ambiente da igreja (provar o dom), atuar ativamente nos ministérios (participar do Espírito) e presenciar o poder de Deus operando em seu meio (provar a palavra e os poderes) — e, ainda assim, não ter sido regenerado. Mas nós estamos nos adiantando. Caminhemos...

2. Mas as pessoas caíram (v. 6)

Apesar de todas essas bênçãos e experiências (vs. 4-5), essas pessoas, então, “caíram” (v. 6).

Isto é, elas se afastaram de Cristo, do Espírito, da Palavra e da comunhão que as proporcionava a experiência dos poderes do mundo vindouro — a comunhão da igreja local. Essas pessoas — tal como Demas (cf. 2Tm 4.10) — viraram as costas para o valor dessas grandes realidades e buscaram outras coisas com o seu co-

ração. O efeito dessa **apostasia** — o efeito desse *afastamento*, desse *abandono*, dessa *deserção* ou desse *estado de rebelião* — é crucificar novamente a Cristo e expô-lo à vergonha pública (v. 6b).

Por que isso é chamado de “recrucificação”?

John Piper apresenta dois motivos para que esse tipo de apostasia seja considerado uma nova crucificação de Cristo.

O primeiro motivo é que Cristo foi crucificado, a primeira vez, para tornar o seu povo puro e santo. Foi exatamente por isso que ele derramou o seu sangue. **Hebreus 13.12** diz (NAA): “Por isso, também Jesus, para santificar o povo, pelo seu próprio sangue, sofreu fora da cidade.” Ele morreu para nos santificar. Ele morreu para nos tornar puros, santos e dedicados a ele (ver Hb 9.14; Tt 2.14). Portanto, quando viramos as costas para a pureza, a santidade e a devoção — que a sua cruz foi projetada para produzir —, nós dizemos “sim” à impureza, ao mundanismo e à incredulidade que o pregaram ali originalmente. Isso significa que o crucificamos novamente. E que o estamos crucificando enquanto permanecemos nessas práticas pecaminosas.

Há uma segunda razão pela qual esse tipo de queda é uma recrucificação de Cristo. Quando uma pessoa escolhe virar as costas para Cristo e volta para o caminho do mundo, para a soberania de sua própria vontade e para os prazeres passageiros desta vida, essa pessoa diz, na prática, que essas coisas valem mais do que Cristo. Essas práticas valem mais do que o amor, a sabedoria e o poder de Cristo, e mais do que tudo o que Deus promete ser para nós nele. E quando alguém diz isso por meio de suas escolhas, é o mesmo que declarar: “Eu concordo com os homens que crucificaram Jesus”. Afinal, o que poderia envergonhar mais a Cristo hoje do que ter alguém que provou a sua bondade, sabedoria e poder e, depois, disse: “Não, há algo melhor e mais desejável do que ele!”? Isso expõe Cristo à vergonha pública.

Uma coisa é um estranho à fé resistir a Cristo. Outra, bem diferente, é uma pessoa que esteve na igreja, teve clareza bíblico-doutrinária (foi iluminada), desfrutou do ambiente da igreja (provou o dom celestial), atuou ativamente nos ministérios (participou do Espírito) e presenciou o poder de Deus operando em seu meio (provou a Palavra e os poderes) — é algo completamente diferente essa pessoa afirmar, após todas essas bênçãos e experiências: “Acho que o que o mundo oferece é melhor do que Cristo”. Isso é estar “crucificando para si mesmos o Filho de Deus e expondo-o à zombaria”, algo muito pior do que qualquer pessoa de fora, que nunca provou a verdade, poderia fazer.

3. Para essas pessoas é impossível o arrependimento (v. 6)

Vimos uma ilustração disso na semana passada em **Hebreus 12.16-17**. Ali, encontramos um alerta semelhante ao deste trecho:

¹⁶E cuidem para que não haja nenhum impuro ou profano, como foi Esaú, o qual, por um prato de comida, vendeu o seu direito de primogenitura. ¹⁷Vocês sabem também que, posteriormente, querendo herdar a bênção, foi **rejeitado, pois não achou lugar de arrependimento**, embora, com lágrimas, o tivesse buscado. (NAA)

O arrependimento genuíno será rejeitado por Deus?

Não cometa o erro de pensar que Esaú se arrependeu sinceramente e foi rejeitado. Deus não rejeita o arrependimento genuíno. O texto diz claramente que ele não encontrou [em seu coração] lugar para o arrependimento. Em outras palavras, ele não conseguiu se arrepender. Ele estava tão endurecido (ver Hb 3.8, 15; 4.7) que clamava para que as coisas melhorassem em sua vida, mas, interiormente, não se submetia aos termos de Deus. Esaú era, como diz Hebreus 12.16, “impuro e profano”.

Esaú é uma ilustração do que o autor tem em mente em **Hebreus 6.6** quando diz que é impossível renovar essa pessoa novamente para o arrependimento. Aqui está a perspectiva aterrorizante

por trás de todos os avisos ou alertas deste livro para não andarmos à deriva, mas prestarmos atenção, considerarmos Jesus, exortarmos uns aos outros todos os dias e temermos a incredulidade e o descuido. Por quê? Existe algo realmente em jogo?

Existe a possibilidade de que você e eu — que *acreditamos* ser escolhidos, chamados e justificados — deslizemos para um processo lento de indiferença e endurecimento e, eventualmente, caíamos, rejeitemos a Cristo e o exponhamos à vergonha pública. **Podemos, de fato, chegar a um ponto onde não há retorno, porque fomos totalmente abandonados por Deus.** É isso que a palavra “impossível” significa no versículo 6. *Oh, como isso deveria colocar você em uma busca urgente por misericórdia esta manhã!*

Continua na parte 2...

S.D.G. L.B.Peixoto.